

Índio, enfim, terá monumento

Marcos Savini
Enviado especial

Porto Seguro — O novo monumento indígena que será colocado em Coroa Vermelha, local onde Pedro Álvares Cabral mandou rezar a primeira missa do Brasil, em 26 de abril de 1500, já está quase pronto. E, por enquanto, parece que o governo da Bahia conseguiu acalmar pelo menos parte dos pataxós, que tiveram sua primeira tentativa destruída pela Polícia Militar no dia 4 de abril. A nova escultura, um índio de madeira de pequizeiro com 2,4 metros de altura, é bem menos explosiva que a anterior.

A escultura ficará próxima à cruz de aço inox, com treze metros de altura, do artista plástico Mário Cravo. Encravada no centro da praça, ela é o monumento oficial das comemorações dos 500 anos. Mas os índios também queriam mostrar sua própria visão dos 500 anos. Na madrugada do dia 4, um grupo de pataxós tentou colocar, ao lado da cruz de Mário Cravo, um mapa do Brasil em cimento, pintado em vermelho e preto. A idéia era lembrar o sangue derramado e o luto dos índios pelo extermínio praticado pelos colonizadores. Sobre ele, ficariam uma urna funerária, objetos do artesanato pataxó e uma pequena escultura de uma família indígena olhando para o mar. Ela estaria de costas para a cruz de aço inox.

Como a Coroa Vermelha é uma reserva indígena e, portanto, eles têm direito a colocar o monumento onde bem entenderem, representantes do governo da Bahia e da Funai negociaram, na semana passada, a construção de uma nova obra, para conter a indignação dos pataxós.

O novo monumento está sendo feito por Crispin de Castro de Jesus, chamado de Calango pelos pataxós, no meio do mato, a nove quilômetros de Coroa Vermelha, numa área que os índios utilizam para pequenos roçados, próximo à Reserva Florestal da Jaqueira. Ali, junto com um irmão e um primo, ele pode trabalhar em calma, sem ter de ouvir as reclamações dos pataxós ou do Conselho Indigenista Missionário (Cimi) contrários ao

novo monumento. "Gente do Cimi sai de baixo de pau se vier aqui; eles só sabem botar índio em briga", avisa o artista.

Jesus está certo de que conta com o apoio da maioria dos pataxós de Coroa Vermelha. "Quando fizeram o outro eu fiquei quieto, mas não entendo porque preferiram trazer um americano para fazer um monumento nosso", diz Calango, referindo-se à ajuda que os pataxós tiveram de ONGs (organizações não-governamentais) estrangeiras.

Artesão da madeira, começou a trabalhar aos oito anos de idade, ajudando o pai a fazer pilões e gamelas. Hoje faz móveis pesados e algumas esculturas. Essa será a maior que já fez. Terá quase 300 quilos e, segundo Calango, não estragará fácil com o passar do tempo, porque a madeira do pequi é muito resistente e oleosa.

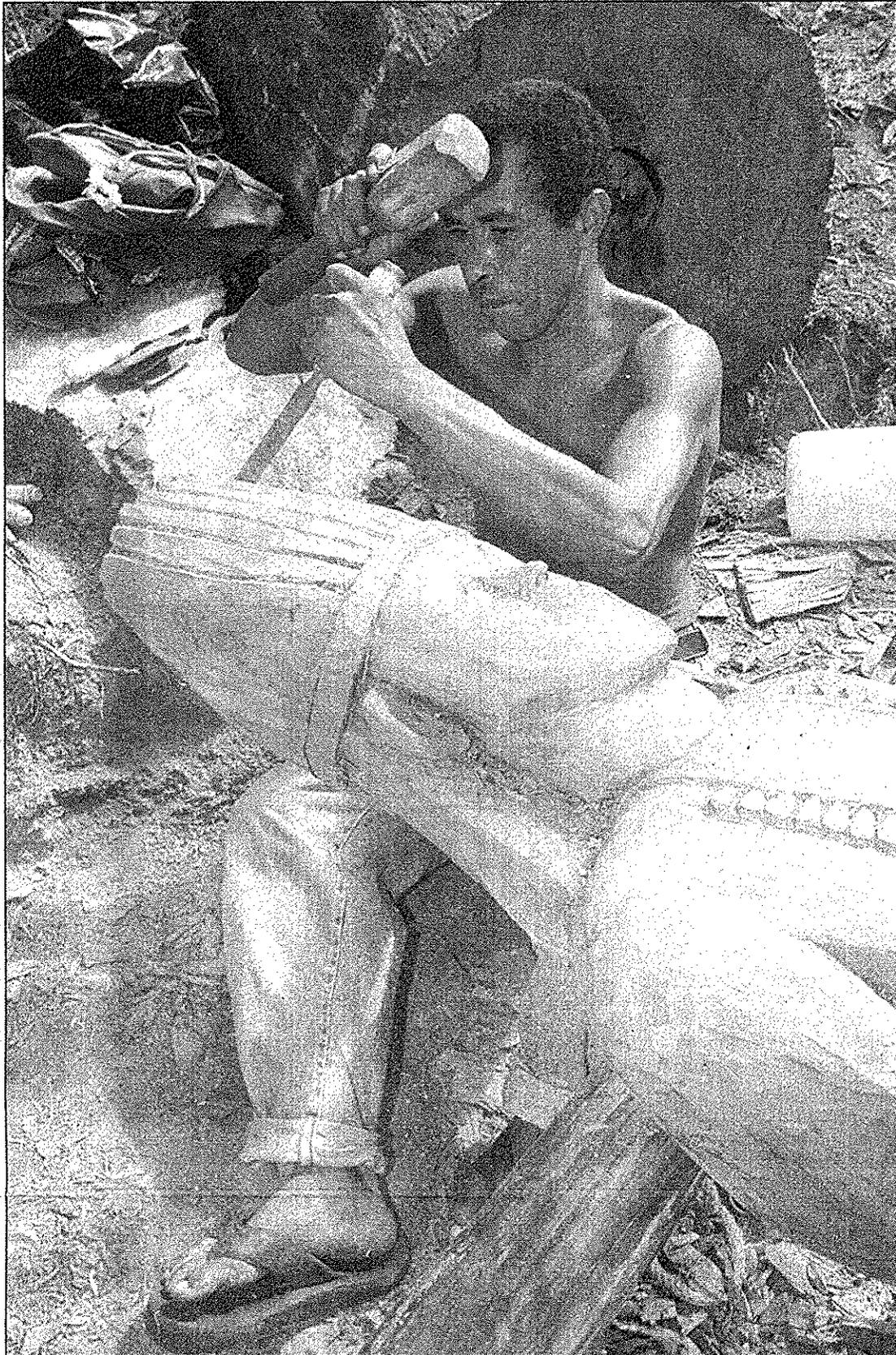
O artista observa que o monumento é um trabalho para 60 dias, mas será feito em apenas 16, se cumprir o acordado. Por isso, trabalha até doze horas por dia, parando apenas para beber uns goles de água ou comer biscoitos. Praticamente pronto, o índio de madeira carrega apenas uma lança e leva um cocar sobre a cabeça. "Ele não tem nome, simboliza os índios de todas as aldeias do Brasil", explica Calango enquanto retoca sua obra, que avalia em R\$ 8 mil, mas garante que cobrará menos do governo da Bahia.

OBRA DISCUTIDA

Mas a escultura revela as divisões entre os pataxós. "É um artista respeitado na comunidade, mas essa escultura não representa a vontade de todos", afirma Jerry Pataxó, um líder jovem e aguerrido. Ele conta que o monumento derrubado pela Polícia Militar da Bahia havia sido discutido em várias reuniões. "Era uma decisão coletiva; essa outra é uma obra individual, que não reflete nossa visão do que aconteceu nesses 500 anos", completa.

Segundo Jerry, a simbologia do monumento destruído era bem mais incisiva. A nova escultura, negociada por representantes do governo da Bahia e pela Fundação Nacional do Índio (Funai), é "mais uma submissão dos índios" aos brancos. O problema dos pataxós de Coroa Ver-

Fotos:Wanderlei Pozzembom



Calango trabalha 12 horas por dia na escultura de 2,4 metros de altura: precisava de 60 dias, mas só tem 16

melha, para o jovem líder, é a desunião, provocada pela sedução dos projetos e do dinheiro do governo, que construiu casas, um shopping e um museu para os índios.

Luiz Carreira, secretário de Pla-

nejamento da Bahia e responsável pelas obras na região do descobrimento, garante que tudo, das obras em Coroa Vermelha à escolha de Calango para fazer o novo monumento, foi conversado por uma comissão que repre-

senta a maioria dos pataxós. "Não tivemos problema algum esse tempo todo; e só tiramos o outro monumento de lá por que ninguém avisou nada", diz Carreira, para quem a obra era "de estética duvidosa".